
Partilhando uma experiência de ensino sobre gênero e sexualidade em um curso de formação de professores de Ciências e Biologia

Souza, Marcos Lopes de¹

Categoria 1: Reflexões e experiências de inovação na sala de aula.

Resumo

Este trabalho discute uma experiência de abordagem das questões de gênero e sexualidade em um curso de formação de professores de Ciências e Biologia vinculado ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR). As ações pedagógicas foram desenvolvidas em três componentes curriculares nomeados de Seminários Temáticos, totalizando 45 horas e a proposta foi pautada em uma perspectiva desestabilizadora e não prescritiva com a utilização de estratégias didáticas diversificadas. Os professores-cursistas (trinta e sete, ao todo) compreenderam a influência dos olhares socioculturais sobre a produção dos gêneros e das sexualidades e reconheceram a existência de processos discriminatórios nos espaços educativos como a homofobia, contudo, se sentem receosos de debatê-los e sofrerem represálias por parte de familiares ou da gestão escolar.

Palavras-chave

Formação em serviço, gênero, sexualidade e diferenças.

Introdução

O ensino sobre a sexualidade nos espaços escolares formais foi construído em uma perspectiva normatizadora com a preocupação de controlar os pensamentos, as ações e os desejos das crianças e adolescentes em torno do sexo e pautando-se numa visão higienista, em busca de um sexo dito "saudável". Mesmo com a elaboração do tema Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a ênfase continuou nos aspectos prescritivos e de regulação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades ao focalizar a redução da

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPG-ECFP) do Departamento de Ciências Biológicas (DCB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Jequié. Email: marcoslsouza@ig.com.br.

gravidez na adolescência e a preven o às doenças sexualmente transmissíveis, enquanto as questões ligadas ao sexo como fonte de prazer e   discrimina o por gênero e orienta o sexual continuaram   margem do currículo (César, 2009; Figueiró, 2010).

Em se tratando dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, pesquisas como a de Silva & Megid Neto (2006) e de Souza & Dinis (2010) ressaltaram que a forma o inicial em rela o   sexualidade ainda   precária e que a abordagem tem se centralizado nas discussões sobre a fisiologia do corpo humano, os aspectos da reprodu o humana e a saúde reprodutiva e que as discussões sobre gênero e diversidade sexual estão condicionadas às op oes dos docentes universitários. Os estudos também têm mostrado que os educadores desta área conhecem pouco sobre as orienta es curriculares oficiais sobre a abordagem da sexualidade na escola.

Contudo, mesmo quando as questões de gênero e sexualidade estão presentes em sua forma o, muitos docentes da área de Ciências Biológicas têm dificuldades em ensinar sobre sexualidade e muitos não se sentem a vontade para debater sobre estas questões com seus discentes em virtude dos seus valores socioculturais, sobretudo os de cunho religioso.

Diante da relevância das temáticas gênero e sexualidade na forma o docente, incluindo a dos professores de Ciências e Biologia, este trabalho apresenta e analisa as compreensões sobre gênero e sexualidade em um grupo de educadores participantes de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas para professores já atuantes na educa o básica, mas não licenciados nesta  rea.

Desenvolvimento

Este estudo está ancorado na abordagem qualitativa (Denzin & Lincoln, 2006), pois analisou uma situa o específica de forma o em serviço com suas especificidades, buscou uma intera o entre pesquisador e participantes da pesquisa e se preocupou com a compreensão dos pensamentos e opiniões dos licenciandos de um curso específico.

O campo de estudo foi um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas vinculado ao Plano Nacional de Forma o de Professores da Educa o Básica (PARFOR) da Coordena o de Aperfei amento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e desenvolvido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus*

de Jequié. O referido curso é destinado para professores da educação básica que ensinam Ciências e/ou Biologia em escolas estaduais e municipais, mas não habilitados na área.

A carga horária total do curso é de 3035 horas e, dentre os seus componentes curriculares, apresenta os chamados Seminários Temáticos. As discussões sobre gênero e sexualidade foram trabalhadas em três destes seminários, totalizando 45 horas. Os temas abordados nos seminários foram: conceito de gênero, construções de masculinidades e feminilidades na sociedade, violência de gênero, diversidade de gênero e sexual, sexismo e homofobia nas escolas, práticas sexuais, vulnerabilidades e abordagem da sexualidade nas escolas. Já as atividades desenvolvidas foram: exibição e discussão de documentários e filmes, debates, leitura e discussão de artigos científicos, dinâmicas e análise de um conto. Participaram do trabalho, os trinta e sete professores-cursistas frequentes no curso.

Para a discussão desta experiência foram utilizados os escritos dos participantes nas diferentes atividades desenvolvidas ao longo dos componentes curriculares e dos registros do formador e também autor deste trabalho no diálogo com a turma no decorrer dos Seminários Temáticos.

Em relação às discussões de gênero, percebeu-se que, em geral, os professores-cursistas apresentaram compreensões binárias. Quando caracterizavam a mulher como vaidosa, o homem era desleixado e se a mulher fosse fiel, o homem era infiel. Estas ideias de gênero demarcam posições fixas e dicotômicas para homens e mulheres, inclusive quando se apresenta características que vão de encontro às compreensões socioculturais esperadas para os gêneros, passa-se a duvidar se a pessoa é “de fato” homem ou se é “realmente” mulher (Louro, 2008).

As características predominantes nas mulheres segundo os cursistas foram: sensibilidade, vaidade e maternidade, já para os homens enfatizaram o autoritarismo, orgulho, força e impulsividade. A característica guerreira apareceu como forma de caracterizar a mulher por acreditarem que ela luta pelos seus anseios, sonhos e projetos, mesmo não tendo, algumas vezes, o apoio social. Neste caso, lutar não está relacionado à força física como, geralmente, se associa ao homem, contudo perturba o ideário de que a mulher é sempre frágil.

Destaca-se também uma comparação que alguns professores-cursistas fizeram ao definir o homem como a cabeça e a mulher como a coluna. Embora

ressaltassem que nesta analogia a mulher era entendida como sustentação, o homem era associado como o pensante, o direcionador das ideias e ações ou como nos dizeres de uma dupla de licenciandas, a “cabeça do lar”.

A compreensão do homem como provedor da casa foi citada por alguns licenciandos. Outra característica associada ao homem foi “ter pegada”, ou seja, ter iniciativa para chegar até a mulher, cortejando-a e, assim, evidenciando sua virilidade. De certa forma, estes últimos apontamentos reiteram um modelo de masculinidade hegemônica, não favorecendo a ruptura dos padrões de gênero, mas colaborando na sustentação de sua assimetria. Como ressaltado por Connell & Messerschmidt (2013, pág. 260): “Para se sustentar um dado padrão de hegemonia é necessário o policiamento de todos os homens, assim como a exclusão ou o descrédito das mulheres”.

Nas reflexões sobre diversidade sexual por meio da discussão do filme “Pra que time ele joga” e de situações do cotidiano dos cursistas, perguntou-se como reagiriam caso soubessem que seu/sua filho/filha fosse homossexual. Daqueles que estavam presentes no dia, a maior parte mencionou que buscaria a aceitação, embora ressaltassem as dificuldades, além do fato de alguns alegarem não esperar gays ou lésbicas em suas famílias. Os principais argumentos para o apoio à/ao filha/filho foram: o amor pelo/pela filho/filha; impedir o distanciamento; desejar a felicidade dela/dela; ajudar na superação dos preconceitos e evitar problemas maiores no futuro. Um grupo menor não aceitaria e procuraria corrigir por meio do diálogo buscando convencê-lo(a) de que está no “caminho errado”, levando-o(a) para a Igreja ou a(o) encaminhando a um “tratamento psicológico”, pois a homossexualidade é vista para estes como algo não divino, pecado ou desvio psíquico.

Embora alguns dos cursistas desejassem “corrigir” a homossexualidade, a maioria compreendeu as múltiplas formas de orientação sexual como expressão da sexualidade, evidenciando avanços na visão destes professores, pois pesquisas como a de Ribeiro (2007) e Souza & Diniz (2010) destacam que boa parte do corpo docente apresenta um discurso discriminatório velado, pois aceitam o gay ou a lésbica em suas aulas para não serem vistos como preconceituosos, outras vezes querem culpabilizá-los pela exclusão a que são submetidos.

Outra questão abordada com a turma foi sobre os relacionamentos afetivos-sexuais. Os debates foram feitos com base em situações vivenciadas na atualidade confrontando com as relações ocorridas na época em que os

professores-cursistas eram adolescentes e jovens. Mencionaram que em épocas anteriores havia muita proibição e vigilância sobre as relações amorosas, sobretudo com as mulheres e muitas delas não tinham liberdade de escolha dos seus parceiros, tendo que, por exemplo, namorar escondido dos familiares e não terminar os relacionamentos quando desejavam, pois eram “mal vistas”. Mencionaram também sobre a ampliação das informações sobre o sexo e os métodos contraceptivos, algo pouco presente em épocas passadas. Como menciona Justo (2005, pág. 75): “O amor confluyente é expressão dos avanços das conquistas de maior igualdade nas relações de gênero, da liberdade quanto às escolhas de parceiros e interrupções de relacionamentos conjugais (...)”.

Também ressaltaram o valor da virgindade em momentos anteriores e o quanto isto aprisionava as mulheres, inclusive uma das cursistas relatou a história de uma garota que já não era mais virgem e para se casar, a mãe banhava a vagina com aroeira todos os dias para que o noivo não desconfiasse quando ela se casasse. Segundo ela havia o seguinte ditado: “Aroeira é um pau santo que Deus abençoou, buraco que ninguém fecha, aroeira veio e fechou”. Por outro lado, muitos professores-cursistas questionaram as incertezas e instabilidades de muitos relacionamentos da contemporaneidade (como liberdade excessiva e desvalorização do corpo) gerando ideias conflituosas sobre o tema.

Ao se trabalhar com vulnerabilidades e prevenção não com o intuito de gerar medo, mas de trazer a rede de fatores que interferem neste processo, utilizou-se de uma reportagem sobre a aids veiculada nos meios de comunicação em 27 de março de 1983 para que os professores-cursistas compreendessem a dinâmica da ciência, sua vinculação com o contexto histórico, social, cultural e político e como no início da epidemia da aids houve muitas especulações que geraram preconceitos e discriminações contra homossexuais, hemofílicos e usuários de drogas injetáveis.

Quando se trabalhou com algumas ideias dos participantes sobre a prevenção e a vulnerabilidades ligadas ao contágio da aids, observou-se, por exemplo, que boa parte estava desatualizada em relação à algumas informações importantes como o desconhecimento sobre os riscos da transmissão da aids de uma possível mãe soropositiva para o filho durante a gestação, parto ou amamentação e também da existência da janela imunológica (intervalo de tempo entre o contágio e a produção de anticorpos no sangue). Ao se dialogar sobre o preconceito em relação ao soropositivo, notou-se que mais da metade dos licenciandos ainda utilizavam do termo “aidético” para se referir às pessoas que

convivem com o vírus HIV e alguns isolariam alguém que fosse soropositivo, pois teriam receio de contrair o vírus, mesmo tendo ciência de que a transmissão não se dá por meio do abraço, beijo, aperto de mão, ou partilhando talheres, copos, banheiro e entre outros. Ideias estereotipadas e discriminatórias sobre as pessoas soropositivas também foram identificadas em pesquisa feita por Seidl, Ribeiro & Galinkin (2010) com estudantes universitários, sendo que uma parcela deles não concordaria que uma criança soropositiva frequentasse a escola, seria favorável a demissão de uma pessoa que tivesse o vírus HIV e não apoiaria que uma mulher soropositiva tivesse filhos.

Durante o desenvolvimento do trabalho houve alguns empecilhos e embates, dentre eles destacam-se: a rejeição de poucos licenciandos em participarem das atividades como exibição de filme ou mesmo a produção escrita por conta do seu posicionamento religioso e o questionamento de alguns no que se refere à relevância do tema para sua formação.

Conclusões

Em síntese, as discussões sobre gênero e sexualidade na formação de um grupo de professores não licenciados em Ciências Biológicas evidenciaram as dificuldades em romper com as normas e os enquadramentos de gênero e de sexualidade, porém, notou-se que a maioria dos cursistas passou a reconhecer as diferenças e se sentiu mais preparada para debater essas questões na escola embora reconheçam, em alguns casos, obstáculos como o questionamento dos familiares, o medo de terem a “imagem comprometida” e os discursos religiosos fundamentalistas.

Referências Bibliográficas

- César, M.R.A. (2009). Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “epistemologia”. *Educar em Revista*, (35), pág. 37-51.
- Connell, R.W. & Messerschmidt, J.W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21 (1), pág. 241-282.
- Denzin, N.K. & Lincoln, Y.S. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. (2 ed). Porto Alegre: Artmed.
- Figueiró, M.N.D. (2010). *Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio*. (3 ed). Londrina: Eduel.

-
- Justo, J.S. (2005). O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia*, 17(1), pág. 61-77.
- Louro, G.L. (2008). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, 19 (2), pág. 17-23.
- Ribeiro, C.R.S. (2007). Uma certa banda de música: representações sobre a homossexualidade em uma escola pública. *Educação & Realidade*, 32 (2), pág. 23-48.
- Seidl, E.M.F., Ribeiro, T. R. A. & Galinkin, A. L. (2010). Opiniões de jovens universitários sobre pessoas com HIV/AIDS: um estudo exploratório sobre preconceito. *Psico-USF*, 15 (1), pág. 103-112.
- Silva, R.C.P. & Megid Neto, J. (2006). Formação de professores e educadores para abordagem de educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Revista Ciência e Educação*, 12 (2), pág. 185-197.
- Souza, C.L, Dinis, N.F. (2010). Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. *Pro-Posições*, 21 (3), pág. 119-134.